

Onde Reina a Escuridão – A concepção do Diabo no imaginário medieval e sua construção visual.

FARIA, Caio Alexandre Toledo de¹

RESUMO: Pretendo apresentar neste artigo breves considerações sobre a construção e concepção do mal (encarnado e sensível) no período conhecido como Idade Média, suas origens a partir de povos e religiões da Antiguidade Ocidental e Oriental, a força da Igreja e suas influências, principalmente sobre o imaginário, onde se destaca o interesse da Igreja em controlar os povos medievais pelo medo. Analisa-se, ainda, a utilização da arte, principalmente pictográfica e literária, como artifício para manipular o imaginário coletivo e individual das pessoas no período.

Palavras chaves: Diabo; Idade Média; Arte Medieval; Igreja.

Where the darkness reigns - The Devil's conception in the medieval imagery and its visual construction

ABSTRACT: I intend to present in this article brief preambles on the construction and conceptions of evil (incarnate and sensitive) in the period known as Middle Ages, its origins from people and religions of Western and Oriental Antiquity, the strength of the Church and its influence, especially on the imaginary, which highlights the interest of the Church in medieval people control by fear. It analyzes also the use of art, mainly pictorial and literary, as artifice to manipulate the collective and individual imagination of people in the period.

Keywords: Devil; Middle Age; Medieval Art; Church.

DO NASCIMENTO DE UMA RELIGIÃO MONOTEÍSTA, OCIDENTAL E ESTRITAMENTE DUALISTA À CRIAÇÃO DO MAL PERSONIFICADO

Antes de compreendermos a “origem²” do Diabo, é necessário saber a origem da religião “criadora” do mesmo, no caso, o cristianismo. Como qualquer novo credo e/ou crença há no cristianismo certa hibridação de conceitos adaptados, adotados de outras religiões, existe, portanto, um sincretismo religioso. Desde religiões médio-orientais a orientais³ estão entre as fontes que os cristãos beberam, no entanto ao mesmo tempo em que assimilou conceitos dessas religiões também preteriram outros. Sobre as causas do “sincretismo” (onde se nega e aceita tradições de religiões distintas para se incorporar numa só nova religião), Amaral (2011) discorre:

¹ Graduando de Licenciatura em História e Bolsista do Programa de Educação Tutorial – PET-História Conexões de Saberes na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas. E-mail: cat.faria@yahoo.com.br

² Pois segundo Russel (2003), antes de perguntarmos se algo é originado, é preciso saber se ele existe mesmo. E para saber se ele existe, é necessária uma análise epistemológica cética.

³ Mazdeísmo ou o zoroastrismo, gnose, maniqueísmo e, principalmente, o judaísmo.

Daí ainda, o porquê de toda nova religião possuir sempre dissidentes, heterodoxos, hereges. Sendo uma mistura de “materiais” precedentes (culturais, espirituais, filosóficos), cada pensador ou corrente da nova fé poderá recrudescer ou arrefecer esta ou aquela tradição que a compõe (p. 422).

A base do cristianismo é monoteísta⁴, porém o dualismo esteve intrínseco em sua estruturação, mesmo que a base advenha de uma só divindade, uma só essência: a bondade. A maneira que o dualismo está no cristianismo faz-se necessário uma análise, como também, é necessário compreender que mesmo os mais rígidos fiéis não vivem universalmente sua crença/credo. Deus é a origem de tudo, de todos e todas e, devidamente, da essência do cristianismo (a bondade). Compreendendo a religião assim, de onde surgiria o mau? Amaral (2011) explana:

Os pais da Igreja explicariam então o mau como ausência, ausência de Deus, ausência de bem, ideia, aliás, provinda da tradição clássica e sistematizada por Platão que insiste que o mundo ideal, em contraposição ao mundo dos fenômenos, é bom e perfeito. Sendo o presente mundo um reflexo nebuloso, imperfeito em relação ao mundo das ideias, ele é mal em razão da ausência daquela realidade essencial e boa (p. 423).

Todavia grande parte das pessoas que não continham reflexões teológicas e filosóficas (ou não tinham tempo e/ou preparo para isso), o mau era sentido e vivenciado apesar de não ser compreendido. “De tudo isso, nasceria um ser maléfico que mais do que ausência era presença” (RUSSEL, 2003, p. 112). O Diabo é a personificação e presença do profano em si, sendo assim ele chegava a ser (ou quase) tão absoluto quanto Deus.

O cristianismo tentava diferenciar-se das religiões greco-romana, onde os deuses possuíam sentimentos e, às vezes, agiam como humanos, e do Antigo Testamento, onde Javé protegia e destruía ao mesmo tempo. Os Cristãos também evitaram postular Deus como indiferente aos problemas do mundo, porém os aristotélicos colocavam Deus como uma “Essência supramente superior que estava aparte de todo o criado e de sua dinâmica no sentido de providência” (SASSE, 1968, col. 898). Diferente das religiões orientais⁵ da Antiguidade, não foi aceito, por parte da cristandade, uma personificação absoluta do mau que confrontasse com a personificação absoluta da bondade, Deus (que os cristãos afirmavam ser único e bom). Dentro dessa realidade, desse ser uno e bom, não havia como se originar um

⁴ Doutrina religiosa que defende a existência de uma única divindade, onipotente, onipresente e onisciente.

⁵ Mazdeísmo, maniqueísmo, gnosticismo. Tais religiões tentavam resolver os problemas do mal na Terra criando uma rivalidade divina entre seres cósmicos com essência e vontade opostas.

ser profano e absoluto. Somente ao buscar em religiões antigas que se pode dar sentido a este mau que estava sendo personificado. Sobre a influência dessas religiões antigas e a dualidade que começa a criar-se no cristianismo, Amaral (2011) salienta que:

O humano encontra-se enxerto nesse universo de espíritos antagônicos. Necessariamente ver-se-á implicado por uma dessas potências, de onde todo o encaminhar-se de sua vida se verá permeado e conduzido por forças que o arrastam ou, segundo sua vontade, a ele se unem. Embora o mundo, a matéria não seja má em si, pois não há uma oposição entre o espírito e a matéria, como no maniqueísmo ou no gnosticismo, o ser humano poderá se “corromper” nesse mundo ao escolher seguir aquele Deus opositor. É, portanto, um dualismo ontológico e metafísico, que tem origem em seres absolutos e de natureza espirituais antagônicas (p. 425).

A partir desse trecho, nota-se como está estritamente ligado às ideias do dualismo nessas religiões, o Diabo aparece para desafiar Deus e tentar manipular sua obra a bel-prazer. No entanto, os demônios (e o próprio Diabo) não eram capazes de manipular totalmente homens e mulheres, somente seus corpos (emoções), isso os faziam mais frágeis e fracos que o Senhor. Homens e mulheres balançavam entre o bem e o mal constantemente, sempre com o Diabo tentando arrastá-los para seu lado. Por isso havia a necessidade da crença em Deus, pois ele era o único capaz de afastá-los de todo mal existente (ou sentido), era necessário fazer por merecer a salvação, não era algo simples e fácil de alcançar. Pois a vida dos cristãos e cristãs é uma eterna luta entre o bem e o mal e a busca por Deus necessária a todo momento, porque os demônios cercam e tentam desviar homens e mulheres do caminho da salvação, do caminho de Deus.

Temos nos primórdios da hagiografia⁶ cristã, a obra “A vida de Santo Antão” escrita por Atanásio de Alexandre (entre 356 ou 365). Nessa obra é possível destacar como os demônios tentam a todo instante corromper homens e mulheres cristãs. Colombo (1999) sintetiza isso dentro da obra de Atanásio e delinea as formas como isso pode ser feito:

Possuindo seu corpo, criando debilidades físicas, psíquicas e espirituais, aparecendo de modo fantasmagórico para assustar, ironizando o cristão para dissuadi-lo da importância de sua fé e esforços espirituais, ou mesmo agredindo o homem fisicamente, como acontecerá com o próprio santo egípcio Antão e tantos outros santos após ele, o demônio e seus sequazes são uma constante no mundo (p. 37).

⁶ Biografia ou estudo sobre biografia dos santos.

A obra de Atanásio sobre a vida de Santo Antão foi um dos relatos mais importantes para o imaginário e as concepções cristãs sobre manifestações demoníacas, tanto nos primórdios da existência cristã quanto posteriormente. Nela incorpora-se o dualismo cristão em que a influência do Diabo sobre as pessoas é tão forte quanto a do próprio ser criador, “[...] se Deus é buscado pelo homem é porque, sobretudo, os demônios anteriormente buscaram os homens.” (AMARAL, 2001, p. 427)

As religiões orientais foram importantíssimas para a personificação do mal, tanto sua natureza ontológica quanto a simples oposição à divindade bondosa, no entanto as influências mais fortes quanto à origem do Diabo serão o helenismo e o judaísmo. No helenismo, há todo o panteão de deuses e deusas, com um Deus principal e outros inferiores (em alguns casos tão importantes quanto), todos com temperamentos humanos, ou seja, às vezes tendiam para o bem ou para o mal em suas atitudes, agindo conforme seus interesses acima de tudo.

Já no judaísmo mesmo havendo uma só divindade, há os anjos. Seres que são superiores aos humanos, porém tão dependentes (da divindade) quanto. Esses anjos não possuíam o livre-arbítrio, pois o mesmo pode os corromper e afastar de Deus. A escolha de não acreditar e seguir Deus, era algo tido como influência de seres puramente inferiores ou maus, pois é errado seguir o caminho oposto do bem. A religião cristã não aceita outro deus, nem outra essência senão a bondade, ou seja, se existissem outros seres que se opusessem, negasse a influência de Deus em suma criação.

Necessariamente inaugurar-se-ia um dualismo com possíveis desdobramentos politeístas, pois crer em outra divindade, ou outras divindades além do Uno, seria incorrer em um erro, seria crer em alguma entidade “menor”, “falsa” “mentirosa” e, sobretudo “má”, pois concorreria com Deus, com a Bondade e a Unidade em essência e excelência. Assim, a partir do olhar de um cristão ortodoxo, os deuses do paganismo não podiam ter existência em si, pelo menos como divindades nem participarem da existência de Deus Uno e Bom. Seriam esvaziados dessa natureza, havendo uma só opção para explica-los – seriam espíritos menores e contraventores dos desígnios bondosos de Deus, seriam maus, seriam os demônios. (AMARAL, 2011, p. 428)

Todos os deuses da antiguidade conhecida pelo cristianismo (Egípcios, Gregos, Mesopotâmicos, Persas, entre outros) foram julgados como “divindades” de cunho menor, eram tidas como mentirosos falsos. Quando não foram concebidos como demônios pelos pais da Igreja, todo panteão de deuses e deusas do período Antigo foram reduzidos e demonizados. Um dos exemplos foi Martinho de Braga, bispo e monge do século VI, que compreende os anjos caídos do judaísmo como

farsantes, que exibiam-se como deuses, principalmente, aos não crentes do cristianismo.

Para falar dos anjos, cuja natureza para os neoplatônicos emanei-a de Deus (e se encontravam entre o criador e as criaturas), é preciso saber que suas escolhas eram escolhas individuais (sem influência do divino) e não somente devido ao seu afastamento de Deus. Porém o afastamento e suas escolhas más os tornariam demônios, por distanciarem-se de sua essência e perfeição: “Essas seriam, entre outras, as causas que explicariam a queda de Lúcifer e a partir dele, de todos aqueles anjos que por ele seriam recrutados para sua causa”. (SCHMITT, 1997, p. 21-22)

Na mitologia grega existiam os “daemones” que eram espíritos menores (comparados aos deuses e deusas). Não eram seres maus, apenas intermediavam a relação do divino com homens e mulheres mortais, ou seja, poderiam transmitir vontades e decisões boas ou ruins para ambas as partes. No cristianismo os “daemones” tomaram posse tanto como demônios (mal) quanto dos anjos da guarda, seres que são enviados pelo criador para cuidar dos seres humanos, “[...] interceder junto a Deus pelos homens, Assim, um papel de interseção, de mediação, e não de realização, que só cabe a Deus (cristianismo) ou aos deuses (politeísmo)”. (AMARAL, p. 430, 2011)

Havia forte influência, também, de outras religiões anteriores ao cristianismo sobre a construção do demônio cristão, todavia nenhuma foi mais importante que o judaísmo (com relação à construção do próprio ser criador, Deus). No judaísmo, também encontram-se seres que servem para auxiliar em toda a engrenagem divina, porém é complicado afirmar que o anjo do judaísmo seria o demônio cristão porque o anjo judeu age como Javé age, tendendo à maldade e a bondade. Diferente do demônio cristão, que tendia só a maldade (sendo o oposto do anjo, que transmitia o bem).

Assim, por exemplo, não podemos afirmar que o anjo caído do Velho Testamento é o mesmo que o demônio no âmbito do cristianismo, uma vez que ele age muitas vezes a mando do próprio Deus, que é um Deus de atitudes ambivalentes, diferente do Deus da Bondade do Novo Testamento. Os “demônios” seriam, assim, no Antigo Testamento, anjos de Javé ao seu serviço, mesmo que isso implicasse a dor, a morte, a perseguição, o mal enfim. Em última análise, o demônio é o próprio Javé. (AMARAL, p. 431, 2011)

Russel (1991) nos propõe quatro interpretações das origens do diabo hebraico do qual o cristianismo utilizou-se para originar o próprio. A partir das informações de Russel, Amaral (2011) explica:

Assim, a de que Satã era um demônio⁷ que ascendeu entre os demais, se tornando seu chefe. A segunda é que ele é a personificação do impulso do mal dentro do homem, é o *yestser ha-ra*, a inclinação para o mal do pensamento rabínico. Aqui ele gozaria de uma natureza mais moral que cósmica. A mais comum é que o demônio se originaria de um anjo, um servo de Deus (talvez aqui mais inclinado para o bem em sua origem) cuja moral e motivação declinaram constantemente. Sobre o tempo (antes ou depois da criação do mundo, do homem, etc.) e as “causas” da queda de Satã, há toda uma literatura realizada pelos Pais da Igreja. A quarta o vê como a personificação do lado negro de Deus, o elemento que dentro de Javé obstrui o bem, verificação esta bastante presente no Antigo Testamento, pois em várias de suas passagens, o próprio Deus dos hebreus demonstra atitudes destrutivas, rancorosas, vaidosas, punitivas contra outros povos e mesmo contra seu povo (Gênesis 12,17; 32, 22-32; Êxodos. 4, 24-36; Juízes 2, 1-2; Samuel II 17,14). (p. 431)

O FOLCLORE E A CONSTRUÇÃO DO MAL NO IMAGINÁRIO COLETIVO DE HOMENS E MULHERES NA “IDADE DAS TREVAS”⁸

O conceito de Diabo do cristianismo foi muitíssimo influenciado pelo folclore medieval, que advém de vários povos como celtas, teutões e eslavos, entre outros. O folclore surgiu no período (e cresceu) em tradição oral, que em algum momento da era medieval foi registrado. Sendo muito utilizado em literaturas de homilias⁹, sermões, *exempla*¹⁰ de escritores como Gregório, o Grande, Aelfric e Caesarius de Heisterbach (RUSSEL, 2003).

A intenção de sacerdotes, padres e bispos do período sempre foi de aterrorizar fiéis com contos e lendas sobre demônios e o próprio Diabo. Destaca-se então a utilização maior desses contos e lendas durante o período de “caças as bruxas”¹¹, no qual era necessário (ainda mais) aterrorizar as pessoas e fazerem-nas repugnarem tais atos demoníacos. Como as definições folclóricas não eram tão conceituadas e aprofundadas quanto às teológicas, era muito fácil estabelecer comparações do Diabo com outros seres (e até mesmo, outras denominações): “[...] o anticristo, os gigantes, os dragões, os fantasmas, os monstros, os animais humanizados e as ‘pessoas pequenas’.” (RUSSEL, p. 60, 2003)

⁷ O termo demônio deve ser compreendido não como mal no sentido ontológico, mas como o espírito criador.

⁸ Termo depreciativo utilizado pelos iluministas. Segundo os mesmos, durante a Idade Média a Igreja teve controle total sobre ideias e inibiu inovações tecnológicas e filosóficas. Sendo também utilizado, na atualidade, por professores e professoras a partir de livros didáticos.

⁹ Uma preleção dada por um sacerdote no decorrer de uma missa após leitura do Antigo Testamento e do Novo Testamento, e antes da recitação do Credo.

¹⁰ Fórmulas para sermões.

¹¹ Séculos XV-XVII.

Após o século IV, os cristãos tiveram contato com pagãos do norte europeu que eram politeístas como os povos antigos, e esses contatos introduziram novos conceitos ao cristianismo. Uma das influências é a imagem de um deus cornudo¹² (semelhante ao Deus Pã dos Gregos), contudo é complicado afirmar como eram essas religiões anteriores ao contato com Romanos, e o com os próprios cristãos. Vale ressaltar que a proximidade com essas religiões fez com que o Diabo tivesse maior atenção da Igreja e seus fiéis, como os padres do deserto um dia tiveram.

No folclore medieval, muitas vezes é confusa a diferença teológica entre o Diabo e seus seguidores. Temos vários exemplos em diversas línguas:

O uso de *deofol*, “diabo” como sinônimo para “demônio” remonta do inglês arcaico até aproximadamente no ano de 825 e persiste até hoje; *démon* francês, *diavolo* italiano e *diablo* espanhol têm algo da mesma ambivalência, entretanto em alemão uma distinção entre *teufel* e *dämon* é feita frequentemente. (RUSSEL, 2003: p. 62)

Também no folclore há o questionamento sobre “quem é” o Diabo, causando uma certa confusão e dividindo-o em uma ou diversas personalidades. Nisso existiram vários nomes, como Satanás, Belial e Belzebu, às vezes dando características diferentes e personalidades em cada nomenclatura, como, por exemplo, cita Russel (2003, p.62): “Em certos jogos medievais, por exemplo, Lúcifer é lançado como príncipe do inferno e Satanás como o mensageiro dele”. Contudo salienta-se que todos esses nomes e características diferentes eram rejeitados pela teologia e também, com o passar do tempo, foram modificados dependendo do lugar (e, mesmo, do ano).

O Diabo também possuiu vários apelidos¹³, porque havia o medo em falar seu(s) nome(s), assim atraindo sua presença. Há também sua associação com animais¹⁴, reforçando a demonização dos cultos antigos que tinham animais como sagrados e até alguns deuses que se manifestavam como animais para os mortais. O demônio também possuía um leque de variedades de formas humanas para se exibir,

¹² Cernunnos, o deus cornudo do oeste.

¹³ Dentre vários apelidos, destacam-se: Velho Chifrudo, Velho Cabeludo, Espantalho Preto, Dick Vigoroso, Dickon ou Dickens, Cavalheiro Jack, Companheiro Bom, Velho Nick e Velho Rabisco. (RUSSEL, p. 63, 2003).

¹⁴ O Diabo já foi comparado com víbora, macaco, morcego, urso, abelha ou enxame de abelhas, javali, touro, camelo, gato, centauro, crocodilo, corvo, cervo, dragão, águia, peixe, mosca, raposa, mosquito, cabra, ganso, grifo, gaivota, lebre, falcão, cavalo, hiena, leopardo, leão, lagarto, toupeira, avestruz, coruja, fênix, porco, galo, salamandra, serpente, ovelha, pardal, aranha, veado, andorinha, tigre, sapo, tartaruga, urubu, vespa, baleia e lombriga. Sendo mais comumente: dragão, cabra e cachorro.

desde velhos à jovens atraentes e até ter profissões, ousar a aparecer como Jesus Cristo, monstruosidades e fenômenos¹⁵. RUSSEL (p. 65, 2003) destaca:

Frequentemente, o Diabo aparece monstruoso e deformado, a forma externa traindo o seu defeito interno. Ele é manco por causa da queda do céu; os seus joelhos estão para trás; tem uma face extra na barriga, nos joelhos ou nádegas; é cego; tem chifres e um rabo; não tem narinas ou só uma; não tem nenhuma sobrancelha; seus olhos são lacrimejantes e incandescentes ou atiram fogo; tem cascos partidos; emite um odor sulfuroso e, quando parte, faz isso com fedor, barulho e fumaça; ele está coberto com cabelo grosso e preto; possuem disfarces, asas como de morcego.



Ao analisar a pintura acima: “São Wolfgang e o Diabo” de Michael Pacher (1471-1475)¹⁶, e citações anteriores, notam-se características do príncipe das trevas.

¹⁵ Gigantes, “seres pequenos” e vendavais.

¹⁶ Atualmente essa pintura encontra-se na Antiga Pinacoteca de Munique. Retirei a imagem da obra: “Lúcifer: o Diabo na Idade Média” de Russel (2003).

Na imagem o diabo aparece na cor verde por associarem ele à caça¹⁷ e a divindades celtas, no entanto era mais regular exibirem-no com cores pretas, exemplo um Cavaleiro de armadura totalmente preta, ou vermelha, com características quase semelhantes a essas. Além disso habitualmente associavam o diabo com lugares, horas do dia e inclusive direções geográficas. Como é o caso do Norte, que era onde encontrava-se o inferno segundo o imaginário medieval. Então todas as igrejas eram voltadas ao leste e, conseqüentemente, sua esquerda a norte, nunca enterravam pessoas ou plantavam alimentos na esquerda de igrejas e mosteiros.

Segundo o cristianismo e as pessoas da Idade Média, o diabo e seus seguidores se encontram em todos os lugares, nos observam e nos atacam física e mentalmente, são os causadores de doenças. Tentam adentrar nosso corpo por qualquer orifício, principalmente, boca (ao bocejar) e nariz (ao espirrar). O que mais atrai Lúcifer são os viciados e pecadores, ele traz a tentação a esses e os castiga por prazer. O diabo gosta de jogos de azar e fofocar. Tais fatos foram contados e repassados para manter amedrontados homens e mulheres.

Entretanto o diabo também poderia ser enganado. Alguns contos da Idade Média, falam de homens e mulheres que trapacearem com uma vela, apostasse a própria alma nessa vela e caso ela queime totalmente sua alma pertencerá ao príncipe da escuridão por toda eternidade. Todavia se outro alguém intervir e apagar a vela antes dela queimar totalmente, o diabo perderá a aposta. Há outra lenda que conta a história de um homem que, juntamente com Satanás, construiu uma ponte e o primeiro ser vivo que passasse sobre-a, teria a alma tomada pelo diabo. Após a construção dessa ponte, o homem foi mais sagaz e jogou sob ela um osso, atraindo um cachorro. Sendo assim, a primeira alma que passou foi a de um canino, deixando o diabo furioso¹⁸.

Existe uma história, a lenda de Teófilo que foi fundamental para consolidar vários fatores entre os cristãos da Idade Média. Um desses fatores foi o antissemitismo, pois dentro desse conto o homem que faz o acordo entre o protagonista e Lúcifer, é um “bruxo” judeu. Outro fator fundamental foi a idolatria à nossa senhora (virgem Maria), que é quem intercede por Teófilo, após o mesmo se

¹⁷ Metáfora, o diabo sendo o caçador de almas.

¹⁸ Essas narrativas sobre o folclore medieval podem ser encontradas no livro: “Lúcifer: o Diabo na Idade Média” de Russel (2003).

arrependido do acordo maléfico e procurar ajuda divina. Essa história influenciou posteriormente, o poema trágico “Fausto” de Goethe publicado em (definitivo¹⁹) 1808.

A CONSTRUÇÃO VISUAL DO PRÍNCIPE DA ESCURIDÃO E A UTILIZAÇÃO DA ARTE PICTÓRICA PELA IGREJA PARA CONQUISTAR NOVOS FIÉIS E SUA FUNÇÃO DOMINATIVA

Praticamente todas as religiões monoteístas são contrárias à utilização de ícones e imagens, entretanto o cristianismo (após certo tempo) passou a utilizar dessas práticas, tanto por conta da influência e vínculos com o Antigo Testamento quanto de outras religiões antigas. Os cristãos do primeiro século, mesmo sem a prática de produção artística, iniciaram-se autonomamente e “[...] desenhavam e esculpam nas paredes das catacumbas de Roma imagens vinculadas à nova crença, mas ainda fortemente influenciadas pela iconografia grega, origem étnica de muitos dos escravos convertidos” (CAPPELLARI, 2011: p. 176). Contudo, somente anos mais tarde a instituição criada e consolidada pelos cristãos, a Igreja, foi desfrutar de tal prática.

As duas principais correntes da arte medieval, Românico e Gótico, foram influenciadas diretamente pela religiosidade cristã. A arte românica teve destaque maior no começo da Idade Média com suas construções firmes e pesadas, constituídas de enormes abóbadas e colunas grossas. As edificações com essas características tinham o intuito de serem resistentes a invasões “bárbaras”, entre outros ataques, com forte influência da arte e arquitetura de Roma Antiga. Já a Arte Gótica, arte de maior destaque e criada alguns séculos depois, tinha como características construções verticais²⁰, eram bem iluminadas e decoradas com vitrais coloridos²¹ e intuito didático. Uma grande diferença entre ambas é que a românica era voltada em maior parte a construções de mosteiros (rural) e a gótica a construções civis e igrejas (urbano), compreensível pelo período onde foram tiveram maior destaque²².

¹⁹ A primeira parte completa da obra de Goethe foi publicada nesse ano. As publicações em anos anteriores ficaram conhecidas como “*proto-fausto*”, ou seja, não era (em si) a obra definitiva.

²⁰ Proporcionando uma ideia de ascensão espiritual, maior proximidade a Deus e todos os santos.

²¹ Esses vitrais coloridos, normalmente, continham desenhos de passagens da Bíblia, uma forma didática de trazer os ensinamentos do livro sagrado aos fiéis analfabetos.

²² Românico - no começo da Idade Média, o Império Romano do Ocidente declinou e houve êxodo urbano. Gótica - mais para o final da Idade Média, quando os burgos (cidades) começaram a fortalecer-se.

Evidencia-se que como os cristãos não tinham uma tradição pictórica, os traços da arte grega eram muito fortes nas primeiras obras cristãs, com os santos e o próprio Jesus (que foi retratado sem barba numa figura do século IV) tinham características helênicas: “Aos poucos, estas imagens foram adquirindo características próprias da arte medieval, adaptando estas figurações aos anseios e objetivos da Igreja, de provocar no fiel, ao mesmo tempo, um misto de fascinação e medo” (CAPPELLARI, p. 177).

A nomeação de Deus é uma prática preterida pelos hebreus, que não ousavam nomear o criador, nem menciona-lo. Já o cristianismo tenta aproximar os fiéis a Deus, procurando facilitar a compreensão de santos e passagens do livro sagrado, a Bíblia, e também exaltando a cruz e a imagem de Jesus. De acordo com Debray (1994):

O cristão chega ao Filho do Homem pela Mãe, ao Sentido pela Vista. [...] No estábulo, Jesus e a Virgem Maria brilham em segundo plano, acariciados por uma vela, apresentados em claro-escuro aos olhares dos vizinhos, enquanto os reis magos inclinam-se para o Deus menino, Verbo já exposto a todos os sortilégios da imagem (p. 79).

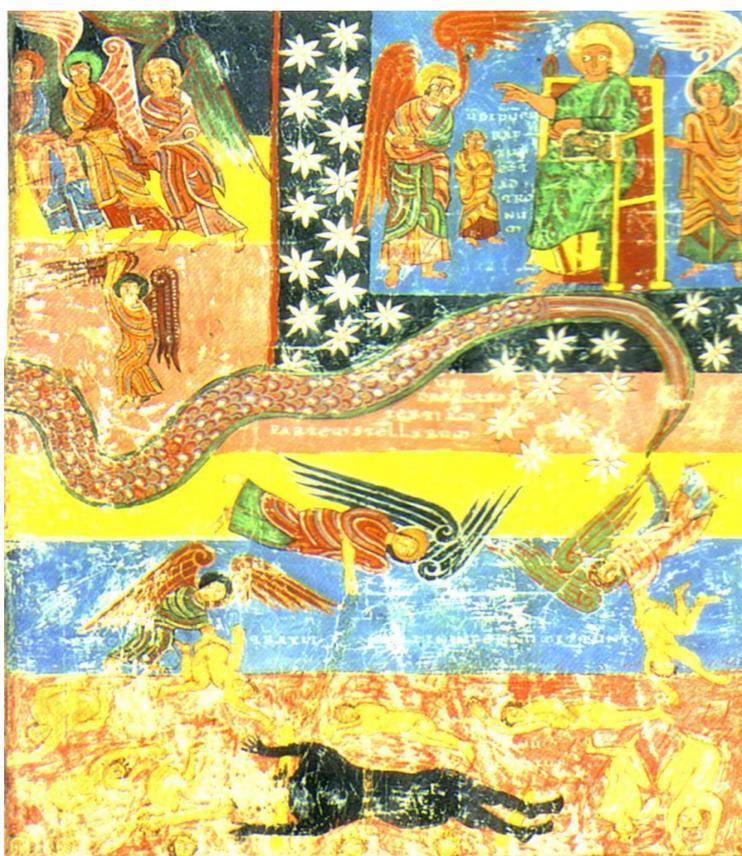
A exposição visual da religião é uma maneira de aproximar os santos dos homens e mulheres comuns, trazendo aos mesmos um incentivo da fé por intermédio do imaginário visual, fazendo com que os fiéis não se sintam sós e perdidos nesse mundo de provações, algo próximo a um alento espiritual.

O Diabo como um ser de várias facetas e formas, um ser metamórfico, é perfeito para a Igreja no âmbito artístico, ou seja, para usar a arte como ferramenta de dominação, de controle sobre fiéis. Sendo claro, a imagem de um ser horrífico causa medo e o medo fez as pessoas seguirem sem questionar durante anos a fé cristã. Cappellari (2011) consegue em um breve parágrafo anunciar a importância da imagem do mal encarnado:

[...] as intenções do Clero cristão de moralizar a humanidade para estruturar as relações de poder em um período pós-Império Romano em que a entropia era uma tendência. Ameaçar as pessoas de que se tivessem uma conduta incorreta iriam para o Inferno revelou-se uma importante maneira de promover o controle social. Sendo a sociedade medieval basicamente dividida em três escalões (senhores, vassalos e religiosos, com a Igreja e o Estado fazendo parte de um mesmo sistema), a devoção religiosa ao mesmo tempo continha as ambições do povo, arrecadava impostos e dízimos para os luxos dos nobres e clérigos, e, depois, serviria de justificativa para o assassinato de inimigos e dissidentes (p. 180).

Como sua “origem” no imaginário social, o Diabo igualmente teve diversas influências de outras religiões (da Antiguidade Oriental e Ocidental e de povos “bárbaros”) na construção do imaginário visual. Não menos importante foi a influência das anotações feitas pelo Beato de Morgan, a partir do século IX (século que foram encontradas as primeiras representações do anticristo), para a concepção de iluminuras²³ dos séculos IX ao XV: “A postura que o Beato adota de combater as diferenças internas da Igreja, em pleno século IX, é um modelo que será seguido com a fúria da Santa Inquisição a partir do século XIII, com o papado de Gregório IX” (CAPPELLARI, 2011, p. 181).

Na imagem abaixo, “O Apocalipse” de Beato de Morgan²⁴, o Diabo está destacado em preto na parte inferior juntamente com corpos despidos. Várias imagens assim foram criadas para demonstrar os horrores do inferno e a benevolência e bondade do céu. Em muitas obras o Diabo come e defeca os pecadores.



²³ É um tipo de pintura decorativa, frequentemente aplicado às letras capitulares no início dos capítulos dos códices de pergaminhos medievais. O termo se aplica igualmente ao conjunto de elementos decorativos e representações imagéticas executadas nos manuscritos produzidos, principalmente, nos conventos e abadias.

²⁴ É uma iluminura provavelmente do século IX. Imagem pode ser encontrada na obra: “Diabo: a máscara sem rosto” de Luther Link (1998).

Todas as coisas horríficas, desprezíveis, nojentas e que causavam medo eram ligadas ao Diabo. Muchembled (2001) explicou sobre isso, demonstrando que as pinturas, iluminuras e outras artes visuais tinham o intuito de amedrontar os fiéis:

Antes de condensar-se no século XVI na forma de noção de lesa-majestade, a ideia segundo a qual os castigos formam uma cadeia progressiva, que religa as ações humanas à vontade divina, começa a expressar-se no espetáculo do castigo implacável reservado aos pecadores. Aos que acreditavam poder usar subterfúgios com o diabo e, portanto, com Deus, a nova imageria infernal explica que eles não conseguirão escapar de sua sorte. A ameaça se torna mais dramática, obrigando fiéis culpabilizados a tentar dela eximir-se por meio da confissão, da devoção. A acentuação do medo do inferno e do diabo tem, provavelmente, por resultado um aumento do poder simbólico da Igreja sobre os cristãos mais atingidos por estas mensagens (p. 36).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Abordei nesse ensaio três maneiras de enxergar a origem do Diabo na Idade Média. Desde suas influências da Antiguidade Oriental e Ocidental, após consolidação do sistema feudal e do contato com “pagãos” do norte e regiões mais afastadas e a construção visual desse mal encarnado. Não podemos negar a importância dos homens e mulheres que compuseram a sociedade feudal, e da Igreja como facilitadora (e maior interessada) na concepção de um ser absoluto que pudera confrontar Deus. Mesmo que as obras de artes não sejam algum imaginário coletivo e/ou individual, elas são muito importantes para compreendermos como aquelas pessoas “enxergavam” suas divindades, entre outras coisas. O imaginário desse período foi muito influenciado pelo medo e pela escuridão, onde Lúcifer reinou absoluto.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Ronaldo. *O demônio entre a religião e a religiosidade cristã: O legado oriental para um monoteísmo de percepção dualista*. Mneme – Revista de Humanidades, Caicó, v. 11 N. 29, Jan-Julho, 2011

COLOMBO, Arrigo. *Il Diavolo*, Genese, storia, orrodi di um mito Cristiano Che avversa La società di giustizia. Bari: Dedalo, 1999.

CAPPELLARI, Márcia Schmitt Veronezi. A Arte da Idade Média como construtora de um conceito visual de mal. *Mirabilia*, Barcelona, v. 12. N. 1, p. 175-188, Jan-Junho, 2011.

DEBRAY, Régis. *Vida e Morte da Imagem: uma história do olhar no Ocidente*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MUCHEMBLED, Roberto. *Uma História do Diabo: séculos XII a XX*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2001

RUSSEL, Jeffrey Burton. *O diabo: Percepções do mal da Antiguidade ao Cristianismo Primitivo*. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

RUSSEL, Jeffrey Burton. *Lúcifer: O Diabo na Idade Média*. São Paulo: Madras, 2003.

SASSE, H. *Kosmos. Grande Lessico del nuovo Testamento*. (Org.) Gerhard Kittel e G. Friedrich. Brescia: Paideia, 1965.